

POR UMA ABORDAGEM PERFORMATIVA DAS LÍNGUAS DE SINAIS*

Maria Helena Figueira GLASS

RESUMO *Este trabalho é uma tentativa de problematizar a procedência do estudo das Línguas de Sinais realizado no âmbito da Lingüística. Minha argumentação se baseia no fato de que, como os modelos teóricos dessa ciência foram criados a partir das línguas faladas, eles não são aplicáveis às Línguas de Sinais. Como alternativa, sugiro que tais estudos ganhariam muito se fossem realizados a partir de uma abordagem performativa da linguagem.*

ABSTRACT *This paper is an attempt to interrogate the study of Sign Language within the province of Linguistics. The basic contention is that the majority of the theoretical models in vogue are inadequate in view of the fact that they were developed from the study of spoken languages. It is suggested therefore that the study of Sign Language would gain a lot by adopting a performative approach.*

Até pouco tempo, precisamente trinta e seis anos atrás, as Línguas de Sinais (manifestação de linguagem viso-espacial utilizada naturalmente pelas comunidades surdas) não eram consideradas propriamente línguas. Hoje, as Línguas de Sinais gozam de outro status: são consideradas línguas naturais ou, como diz Behares (1993:44), são consideradas “sistemas lingüísticos com as mesmas propriedades das línguas orais”. As Línguas de Sinais deixaram, então, de ser um sintoma de “anormalidade” e hoje são estudadas “dentro do âmbito científico” (Massone, 1993:78). Elas são hoje descritas, normatizadas e legitimadas pela Lingüística, apesar dos modelos teóricos dessa ciência terem sido criados a partir das línguas faladas.

Mas tal legitimação tem um preço. Como se trata da linguagem de uma parcela da humanidade que é naturalmente considerada “anormal”, muito distante daquele indivíduo ideal da Lingüística, sua legitimação só poderia partir “daqueles que a sociedade vê como autorizados, os lingüistas” (Massone, 1993:85), que são, obviamente, ouvintes, letrados, “normais”. Massone (1993:82) nos lembra que “as Línguas de Sinais pertencem a comunidades ágrafas e o lingüista pretende apropriar-se

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp no dia 29 de agosto de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan.

delas a partir das teorias e metodologias convencionais, quando aquelas pertencem a uma realidade exterior à nossa experiência de sociedade alfabetizada”. Ocorre, segundo a autora, uma reprodução do “status-quo (*sic*) ouvinte” (*Id.* p.81). Afinal, como diz Massone (1993:86), “representar a cultura surda e sua língua em nossos termos implicaria mais na (*sic*) distorção do que no (*sic*) reconhecimento”.

Por concordar com a autora, elenco neste trabalho algumas conseqüências de tal distorção¹. É objetivo central deste trabalho, assim, problematizar a adoção das línguas viso-espaciais por parte da Lingüística para, então, sugerir que os estudos sobre tais manifestações de linguagem ganhariam muito se fossem realizados a partir de uma abordagem performativa da linguagem humana². Argumento que somente se respeitadas em suas características tridimensionais e simultâneas, as línguas viso-espaciais poderão ser, de fato, consideradas legítimas manifestações de linguagem. E, somente quando as Línguas de Sinais forem contempladas mais amplamente, os preconceitos ainda reinantes nas escolas, nos lares onde há surdos e na sociedade como um todo, poderão começar realmente a desaparecer.

LINGÜÍSTICA & LÍNGUA DE SINAIS

Os estudos iniciais das Línguas de Sinais (por William Stokoe, na publicação pioneira denominada “Sign Language Structure”, de 1960) as definiam como uma “composição simultânea de um conjunto limitado de configurações de mão, localização e movimentos” (Klima e Belugi, 1980:12), contrariando um dos princípios fundamentais da Lingüística - o da linearidade. Mas, segundo Wilbur (1987:20), hoje se observa linearidade nas Línguas de Sinais uma vez que as pesquisas recentes apontam para um caráter seqüencial na organização dos blocos inicialmente tidos como simultâneos. Alguns estudiosos atuais defendem a idéia segundo a qual os sinais possuem organização interna organizada seqüencialmente, enquanto outros sugerem a coexistência de elementos seqüenciais e simultâneos na estrutura interna das Línguas de Sinais. E, como diz Wilbur (*Id. ibid.*), “falar sobre a estrutura interna de um sinal exige que se rompa com a idéia de simultaneidade”.

Mas não há como romper com uma idiosincrasia (afinal, as Línguas de Sinais são idiosincriticamente simultâneas) sem provocar algum tipo de dano. Romper com a idéia de simultaneidade significa ignorar uma característica fundamental das Línguas de Sinais: o fato destas línguas se realizarem em três dimensões (3-D). As Línguas de Sinais são tridimensionais porque são línguas viso-espaciais. Elas se realizam espacialmente, através de movimentos simultâneos com as mãos, braços, dedos, além de

¹ Na Dissertação, illustrei minha argumentação com análises críticas de programas de avaliação de Tradutores de/para Língua de Sinais.

² Por abordagem performativa, refiro-me à leitura “não oficial” de Austin (para maiores esclarecimentos, ler Rajagopalan 1989, 1990, 1992a, 1992b, 1992c, 1996b). Não utilizo neste trabalho, portanto, a concepção de ato de fala desenvolvida por Searle, na qual ele, além de subordinar o feito ao dito, domestica até mesmo as “idéias mais rebeldes de Austin” (para maiores esclarecimentos, ler Rajagopalan 1996b).

expressão facial e corporal em toda a área que compreende principalmente o tronco, braços e cabeça do usuário.

A observação de linearidade nas Línguas de Sinais possibilita uma descrição em duas dimensões (2-D) dessas línguas 3-D. Transcrições, ilustrações, fotografias são exemplos de descrições que reduzem as Línguas de Sinais a duas dimensões. E quais seriam as conseqüências de tal redução? Se as Línguas de Sinais são naturalmente realizadas em três dimensões, uma descrição 2-D não pode contemplar todos os elementos constitutivos dessas línguas. Assim sendo, uma descrição 2-D de uma Língua de Sinais provoca uma espécie de mutilação dessa língua.

Além de não contemplar uma Língua de Sinais em sua plenitude, uma descrição 2-D possibilita comparações entre as línguas viso-espaciais e as línguas faladas. Comparar as Línguas de Sinais com as línguas faladas, movimento já tão estimulado pela tradição fonocêntrica em que estamos inseridos, só pode resultar na perpetuação do estigma a que vem sendo atribuído às línguas viso-espaciais há séculos. Incompreendidas na sua amplitude comunicativa, as Línguas de Sinais, quando comparadas às línguas faladas, acabam sendo consideradas excessivamente sintéticas e incapazes de expressar idéias com as mesmas propriedades que as línguas orais auditivas.

Uma descrição 2-D das línguas viso-espaciais possibilita, também, a utilização em seus estudos de modelos teóricos concebidos a partir das línguas faladas. Esses modelos teóricos, sempre atomísticos, quando aplicados aos estudos das Línguas de Sinais, não apenas corroboram a perpetuação do estigma como dificultam a realização de pesquisas que de fato contribuam para uma compreensão mais profunda dessas línguas viso-espaciais. Os estudos das Línguas de Sinais (LS), que vêm sendo realizados no âmbito da Lingüística, ao mesmo tempo em que promovem a legitimação dessas línguas, conferem-nas um status de inferioridade em relação às línguas faladas. O que parece um paradoxo é mera conseqüência da aplicação indiscriminada de modelos teóricos das línguas orais-auditivas nas pesquisas a respeito das línguas viso-espaciais.

Enquanto uma língua falada é realizada oralmente e captada através da audição, a realização e recepção de uma língua viso-espacial implicam, respectivamente, motricidade e visão. Em conseqüência disso, os usuários de uma língua viso-espacial se mantêm fisicamente próximos e todo o processo lingüístico realiza-se *vis-à-vis*, sob olhar atento. A ação de olhar, numa situação que envolve sinestesia, longe de ser passiva, adquire um caráter participativo porque o olhar, como diz Bosi (1989: 66), “não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade”. Assim, em se tratando de uma língua viso-espacial, como é a Língua de Sinais, fica especialmente difícil estabelecer uma separação muito nítida entre quem está transmitindo uma idéia e quem a está recebendo. Por conta disso, a observação de uma Língua de Sinais exige que se vá além da concepção de língua da Lingüística - sempre distanciada do olhar, da pele, da ideologia³, sempre totalizante, asséptica, abstrata, científica - e se atrever a compreendê-la (a Língua de Sinais) dentro de um movimento em que o lingüístico, o corporal e o sinestésico se confundem. Olhar a realização de uma Língua de Sinais significa participar da construção da idéia que está em evolução. Olhar

³ Para análise mais aprofundada, leia Rajagopalan, 1996a.

uma Língua de Sinais é estabelecer uma relação interativa com aquele que a realiza para, juntos, construir um significado.

Se assim concebemos o ato de olhar uma Língua de Sinais (LS), estamos observando que a ‘resposta’ do interlocutor é fundamental para quem está utilizando a LS. E isto, que aqui chamo de ‘resposta’, está diretamente relacionado com o conceito de *uptake*, de Austin. Mas, para melhor compreendermos a extensão desse conceito, faz-se necessário a observação das Línguas de Sinais a partir de uma abordagem performativa de linguagem.

ESCAPANDO DAS AMARRAS...

Em vez de serem analisadas “em termos de positivities”, “como pressupõe a tentativa taxonômica” (Rajagopalan, 1992a:117), as línguas viso-espaciais deveriam ser observadas enquanto uma série de atos ilocucionários, considerando que, segundo Rajagopalan (*Id. ibid.*:116), os atos ilocucionários, “unidades mínimas da teoria” austiniana, são “entes genuinamente êmicos”, ou seja, são irreduzíveis a qualquer decomposição atomística.

Para que o ato ilocucionário se realize ele precisa exercer um efeito sobre os interlocutores, ou seja, é preciso que ocorra *uptake*, que é o estabelecimento de “uma relação entre interlocutores, através da articulação de um contexto construído pela linguagem” (Ottoni, 1996:9). *Uptake* é, segundo Rajagopalan (1990:573), a “condição *sine qua non* de que o interlocutor perceba que está de fato se processando o ato em questão - de que ele, o interlocutor, se dê conta de que o enunciado está se apresentando com uma determinada força ilocucionária”. Assim, o ato em si não basta para realizar uma ação; é necessário que haja *uptake*. O sucesso ou *felicidade* de um ato depende tanto do locutor como do interlocutor, pois, como diz Ottoni (1996:11), é através do *uptake* que ocorre o “arrombamento do significado”. Nesta perspectiva, ainda segundo Ottoni (1990:139), fica descentralizado o papel do sujeito-locutor que supostamente teria todo domínio da significação; a significação vai depender do *uptake*, que ocorre no momento de realização do ato. É, então, nesse momento, em que o ato se realiza e em que o *uptake* ocorre, que a significação se faz - nem antes, nem depois.

Se concebermos as Línguas de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, poderemos ter suas idiossincrasias resguardadas, considerando que “o pensamento austiniano não é suscetível de uma formalização nos moldes conhecidos” (Rajagopalan, 1989:529). Ao se livrarem das análises atomísticas, as Línguas de Sinais poderão, então, ser observadas num todo interdependente, evitando, assim, qualquer comparação com as línguas faladas.

Se concebermos as Línguas de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, estaremos também garantindo a observação da língua, não somente sob o ponto de vista de quem a realiza, mas através da relação que se estabelece entre locutor e interlocutor. Na perspectiva performativa, a ‘resposta’ do interlocutor, tão determinante para a enunciação através de uma língua viso-espacial (pois, como já vimos, a realização desta língua demanda uma interação física e sinestésica entre os interlocutores), é

considerada como elemento construtor da própria significação. Afinal, essa ‘resposta’ nada mais é que o *uptake* através do qual um ato ilocucionário se constitui como tal.

Além disso, se concebidas enquanto uma série de atos ilocucionários, as Línguas de Sinais terão seus estudos realizados em “termos de noção de ‘*família*’”, uma vez que, segundo Rajagopalan, “o conceito de ato ilocucionário é como um jogo tal qual Wittgenstein o concebe” (Rajagopalan, 1989:529), ou seja, inúmeras “ferramentas da linguagem” com inúmeros “modos de emprego” (Wittgenstein, 1984:19).

Se ato ilocucionário deve ser concebido como jogo de linguagem, seguindo raciocínio de Rajagopalan, qualquer reflexão a seu respeito que utilize o aparato formal das teorias da linguagem não pode ser “*feliz*”. Isso porque, segundo Rajagopalan (1989:529), “não há nada que sirva de critério infalível, quer necessário, quer suficiente, para que se possa precisar o que é um jogo - a não ser uma certa semelhança indefinível entre os jogos já identificados e um novo caso sobre o qual surge a dúvida”. Assim, ato ilocucionário, ou jogo de linguagem, rebelde às tentativas taxonômicas, “se revela explicável tão-somente em termos de exclusão” (Rajagopalan, 1992a:117).

A observação das línguas viso-espaciais enquanto uma série de atos ilocucionários significa, se partilharmos com Rajagopalan a concepção de atos ilocucionários enquanto “entes genuinamente êmicos”, resguardar o caráter simultâneo e tridimensional dessas línguas que vem sendo rechaçado e/ou ignorado pelos estudos realizados no âmbito da Lingüística. Conceber as Línguas de Sinais enquanto atos ilocucionários significa, então, observar essas línguas mais amplamente. E, somente quando forem amplamente observadas, as línguas viso-espaciais conseguirão romper com o estigma de inferioridade. Livres do estigma, as Línguas de Sinais poderão, enfim, gozar do título de legítimas manifestações de linguagem das comunidades surdas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHARES, L.E. (1993). “Implicações Neuropsicológicas dos Recentes Descobrimentos na Aquisição de Linguagem pela Criança Surda”. In: **Língua de Sinais e Educação do Surdo**. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp 41-55.
- BOSI, A. (1989). “Fenomenologia do Olhar”. In: Novaes, A. (org.), **O Olhar**. 2a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. Pp.65-87.
- KLIMA, E. S. & BELLUGI, U. (1980). **The Signs of Language**. 3rd printing. Cambridge, Massachusetts. London, England: Harvard University Press.
- MASSONE, M. I. (1993). “O lingüista ouvinte frente a uma comunidade surda e ágrafa: metodologia da investigação”. In: **Língua de Sinais e Educação do Surdo**. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp.72-93.
- OTTONI, P. R.(1990). **John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem Humana**. Tese de Doutorado - IEL-UNICAMP.
- _____. (1996). **Uptake e Trace: Semelhanças entre Austin e Derrida e a Tradução**. Inédito.
- RAJAGOPALAN, K. (1989). “Atos ilocucionários como jogos de linguagem”. In: **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, XVIII. GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) Pp.523-530.

- _____. (1990). "Uptake". In: **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, XIX. GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) Pp. 573-579.
- _____. (1992a). "A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor do êxito das tentativas taxonômicas". In: **DELTA**, vol.8, n.1. Pp. 91-133.
- _____. (1992b). "O Significado e sua Gênese: Algumas Anotações Avulsas". In: Arrojo (org.), **O Signo Desconstruído (Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino)**. Campinas, SP: Pontes. Pp. 41-45.
- _____. (1992c). "Locução, locução e a forma lingüística". In: Paschoal & Celani (orgs.), **LINGÜÍSTICA APLICADA**. São Paulo: EDUC. Pp. 307-324.
- _____. (1995). "O Conceito de Identidade na Lingüística: É Chegada a Hora de uma Reconsideração radical?" A sair em: Signorini (org.), **Lingua(gem) e Identidade**.
- _____. (1996a). **Linguistics, Ideology, and the Ethical Question**. Inédito.
- _____. (1996b). **O Austin do qual a Lingüística não tomou conhecimento e a Lingüística com a qual Austin sonhou**. Inédito.

WILBUR, R. B. (1987). **American Sign Language: Linguistic and Applied Dimensions**. 2nd ed. Boston: A College-Hill Publication.

WITTGENSTEIN, L. (1984). **Investigações Filosóficas**. (Tradução de José Carlos Bruni), 3.ed., Série Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.